

“as empresas enfrentam uma redução significativa e persistente do volume de negócios... e os apoios têm sido insuficientes”

por André Manuel Mendes

A Covid-19 trouxe enormes desafios para a indústria portuguesa, e ao longo de vários meses tem sido desenvolvido um trabalho de acompanhamento e apoio de diversas entidades para ajudar as empresas a ultrapassar este período de pandemia. O setor do material elétrico tem sido igualmente fustigado com as vicissitudes desta doença global e, como forma de apoio, a AGEFE - Associação Empresarial dos Sectores Eléctrico, Electrodoméstico, Fotográfico, Electrónico, tem desenvolvido um conjunto alargado de estratégias para suprir as necessidades desta área de atividade.



Nuno Lameiras

Para conhecer de forma mais aprofundada o trabalho da AGEFE neste período tão controverso pelo qual atravessa este setor, a revista “o electricista” falou com Nuno Lameiras, Presidente da Divisão de Material Eléctrico, Presidente da Secção de Distribuidores Grossistas de Material Eléctrico da AGEFE, Administrador da Rodel, SA e Presidente da Fegime Portugal, SA, e com João Rodrigues, Vice-Presidente da Divisão de Material Eléctrico e Presidente da Secção de Importadores e Fabricantes de Material Eléctrico da AGEFE, e Country Manager da Schneider Electric Portugal.

revista “o electricista” (oe): A pandemia provocada pela Covid-19 teve um impacto significativo no tecido empresarial português. Entre pedidos de *layoff*, despedimentos, insolvências, foram várias as empresas que se viram afetadas por esta realidade pandémica. Na visão da AGEFE, quais as principais dificuldades que as empresas do setor que representam atravessaram durante o período de confinamento?

Nuno Lameiras (NL): Em alinhamento com o apelo que a AGEFE fez ao Governo, titulares dos Órgãos de Soberania e demais

Autoridades Nacionais envolvidas, as empresas representadas pela AGEFE foram consideradas imprescindíveis para o funcionamento das infraestruturas, instalações e cadeias de fornecimento essenciais, desde que foi decretado o Estado de Emergência.

Quer isto dizer que a atividade, durante esse período e, por maioria de razão, durante o Estado Calamidade, não foi interrompida.

Este contexto teve, contudo, dois efeitos de natureza diversa: se por um lado, as empresas não enfrentaram um quadro de interrupção binária da atividade, por outro, enfrentam desde março um quadro de redução significativa e persistente do volume de negócios, sem que se tenham podido socorrer dos regimes especiais de apoio, nomeadamente o *layoff* simplificado.

Creio, aliás, que os apoios desenhados para mitigar o impacto desta crise nas empresas e emprego foram, e estão a ser, evidentemente insuficientes.

“**A AGEFE tem sido incansável no apoio às associadas... e continua a realizar um trabalho intenso em torno de projetos de desenvolvimento que trarão benefícios estruturais ao setor.**”



João Rodrigues

oe: A AGEFE lançou recentemente um questionário sobre o “Impacto económico da Covid-19”. Quais os tópicos abordados nesse questionário?

João Rodrigues (JR): Antes de abordar diretamente a sua questão, deixe-me fazer uma introdução que me parece importante: desde há muitos anos que na AGEFE temos por hábito cooperar com outras associações empresariais onde, entre outras, gostaria de referir a CIP, da qual somos membros. O objetivo dessa cooperação vai no sentido de fortalecer o impacto das nossas iniciativas, isto porque profundamente acreditamos que o fortalecimento dos agentes económicos, fortalece a economia nacional e, portanto, o nosso país.

O questionário que referiu foi também lançado por outras associações empresariais e assim conseguimos medir, em várias áreas da atividade económica nacional, a verdadeira dimensão do impacto da Covid-19.

No caso da AGEFE, porque incluímos os dois elos da cadeia de valor, fabricantes/importadores e distribuidores/grossistas, conseguimos fazer uma análise integrada e completa desses mesmos impactos. Os tópicos inquiridos eram vários, volumes de vendas, capacidade das cadeias logísticas, liquidez das empresas, etc. Ou seja, procurámos ser muito precisos nas análises de forma a evitar conclusões imprecisas.

Quero concluir a minha resposta dizendo que hoje já é evidente para todos que uma crise de saúde pública se transformou numa enorme crise económica e em consequência

uma enorme crise social, mas no início da pandemia pouco se falou sobre o impacto económico que agora temos para enfrentar. O questionário que refere pretende, portanto, ajudar-nos a enfrentar esta situação que temos pela nossa frente.

oe: Conseguem avaliar qual o real impacto que esta pandemia tem no setor em Portugal?

NL: A AGEFE dispõe de um conjunto de instrumentos associativos que permitem, não apenas robustecer a resposta do setor em momentos como este, mas também monitorizar a evolução do mercado.

É com a segurança que estas ferramentas nos oferecem que podemos afirmar que o setor tem tido uma redução do volume de negócios expressiva e persistente.

Mas os efeitos não se limitam à redução da atividade. Também na dimensão financeira há uma frente de dificuldades.

“**É por isso particularmente grave para a sustentabilidade da cadeia registar que as seguradoras têm assumido uma postura altamente restritiva na cobertura dos riscos, dispensando frequentemente motivos fundamentados para o fazer.**”

“**hoje já é evidente para todos que uma crise de saúde pública se transformou numa enorme crise económica e em consequência uma enorme crise social. A sustentabilidade e transformação digital devem estar no centro das nossas prioridades... como forma de saída da crise.**”

Desde logo, há um alargamento do ciclo de recebimentos, o que afeta o já anteriormente frágil equilíbrio financeiro da cadeia.

Depois, este setor, desde a crise de 2008, defendeu-se, organizando-se em torno de políticas de concessão de crédito rigorosas, suportadas maioritariamente nos instrumentos de seguro de crédito. É por isso particularmente grave para a sustentabilidade da cadeia registar que as seguradoras têm assumido uma postura altamente restritiva na cobertura dos riscos, dispensando frequentemente motivos fundamentados para o fazer.

Finalmente, ao nível da cadeia de fornecimento, assistimos ainda a alguns constrangimentos, ainda assim não críticos, resultantes de perturbações nas atividades de fabrico e distribuição, tanto local como internacional.

oe: Que medidas foram tomadas pela AGEFE por forma a dar uma resposta efetiva às necessidades dos seus parceiros e dos players neste setor de atividade?

JR: Foram várias as iniciativas que desde a primeira hora foram desenvolvidas. Destaco desde logo a isenção de quotas, dos meses de março a setembro, de todos os nossos associados. Também desde o início da atual situação procurámos trabalhar em conjunto com outras associações empresariais, exemplo a CIP como já anteriormente referi, no sentido de somar esforços e alinhar visões para enfrentarmos problemas que são de todos.

Procurámos também aumentar ainda mais a proximidade com os associados, or-

ganizando *webinars* onde se promoviam esclarecimentos e se prestava o necessário apoio ao sector. Aqui destaco o apoio no entendimento cabal de toda a turbulência legislativa verificada e a apresentação do Estudo do Material Eléctrico 2019, uma iniciativa que há muito habituámos o nosso setor.

Não posso deixar de referir também o apoio a todo o setor no desenvolvimento da sua transformação digital, onde naturalmente destaco a recente apresentação do ETIM Portugal, um projeto onde trabalhamos intensamente nos últimos anos e para o qual chamo a atenção em caixa à parte.

Em resumo: aumentámos a proximidade aos associados, potenciando a transformação digital do sector e procurando responder às necessidades mais prementes que fomos identificando.

oe: Olhando para o futuro, como analisam a evolução deste setor de atividade, e de que forma vai a AGEFE apoiar as empresas para que possam voltar a ser competitivas no mercado?

NL: O setor elétrico tem demonstrado uma resiliência assinalável. Vivemos num mercado periférico, pequeno e altamente concorrencial, com todo o quadro de desafios que estas características comportam. Ainda

assim, o setor tem feito um percurso de progressiva organização, adaptação e qualificação, o que tem permitido atingir níveis de sustentabilidade improváveis.

Sendo a AGEFE a expressão associativa desse compromisso e ambição, vive neste momento um período de grande dinamismo. Desde logo, a estrutura da AGEFE tem sido incansável no apoio aos associados, cuidando e atualizando a informação decorrente de toda a turbulência legislativa e regulamentar que vivemos.

Ao mesmo tempo, enquanto associação que representa de forma muito abrangente os interesses do mercado elétrico, continuou a constituir-se como uma voz ativa e qualificada junto dos atores com responsabilidade na definição das políticas que têm impacto no setor elétrico.

Finalmente, a AGEFE continua a realizar um trabalho intenso em torno de projetos de desenvolvimento setorial que trarão benefícios estruturais ao setor, promovendo o seu crescimento, qualificação e organização, preparando-o, deste modo, para os desafios do futuro.

oe: Como pensam que será a recuperação? Será esta a curto prazo?

JR: Julgo que dificilmente alguém está em

condições de saber ao certo como vai ser a recuperação. Todos os dias temos novas informações que condicionam as nossas ações, posso, no entanto, arriscar um prognóstico baseado na ideia de que não haverá um segundo confinamento: Acreditamos que será observada uma retoma moderada, onde o segundo semestre de 2020 já evidencie um melhor desempenho quando comparado com o primeiro semestre.

Para 2021 antecipamos uma recuperação de uma parte da queda verificada em 2020 e talvez, na melhor das hipóteses, daqui a 2 – 3 anos voltemos aos níveis de 2019.

Para que tal aconteça, é verdadeiramente necessário que haja uma forte política de investimento público produtivo, que todos os agentes económicos trabalhem em benefício das causas comuns, que um verdadeiro desafio de transformação das nossas economias seja alcançado. Sustentabilidade e transformação digital devem estar no centro das nossas prioridades.

Da parte da AGEFE continuaremos a trabalhar no sentido de reforçar a importância da nossa associação, procurando captar cada vez mais associados e reforçar os nossos contributos em benefício da economia nacional.

AGEFE LANÇA ETIM PORTUGAL



Rui Monteiro

“**ETIM é o standard internacional de referência para a classificação de produtos no setor do material eléctrico e está presente em quase toda a Europa, bem nos EUA e Canadá.**”

Nos passados dias 17 e 18 de junho, a AGEFE realizou dois *webinars* que assinalaram o lançamento do ETIM Portugal. Os *webinars* contaram com a participação de mais de uma centena de pessoas das empresas associadas. A partir desse momento as empresas da AGEFE têm acesso gratuito à versão portuguesa do ETIM, dispendo também de apoio à implementação e ganhando voz ativa no desenvolvimento do próprio modelo.

O ETIM é o *standard* internacional de referência para a classificação de produtos no sector do material elétrico e está presente em quase toda a Europa, bem nos EUA e Canadá.

“Este modelo de classificação constitui uma poderosa ferramenta de organização de informação, promovendo uma melhoria signi-

ficativa nas várias dimensões da atividade comercial”, afirma Rui Monteiro, responsável pelo projeto no nosso país.

De entre as suas principais vantagens destacam-se:

- a classificação uniforme de produtos, o que diminui erros de processamento e aumenta a eficiência na gestão da informação entre todos os intervenientes na cadeia de fornecimento;
- Uma melhor organização estatística empresarial a nível micro e macro.

Uma vez que o modelo ETIM assenta nas características e atributos técnicos dos produtos, vem potenciar o desenvolvimento de uma cultura técnica, direcionando a discussão das soluções para aspetos técnicos e aliviando o foco exclusivo no preço.

Para além disso, sendo um *standard* internacional amplamente reconhecido, apresenta-se para as empresas portuguesa como um requisito de acesso a mercados externos e disponibiliza a normalização necessária ao comércio eletrónico de produtos deste setor.

Para saber mais acerca desta ferramenta, consulte www.etimportugal.pt ou envie um email para info@etimportugal.pt

